

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

CAROLINA MOUTA ALVES

**AS POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DAS MÍDIAS SOCIAIS NO CONTEXTO DA
DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JUIZ DE FORA
2018

CAROLINA MOUTA ALVES

**AS POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DAS MÍDIAS SOCIAIS NO CONTEXTO DA
DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Eduardo Klimick Pereira
Prof. Tutor Anderson Romualdo

JUIZ DE FORA
2018

CAROLINA MOUTA ALVES

**AS POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DAS MÍDIAS SOCIAIS NO CONTEXTO DA
DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). orientador(a)

Membro da banca

Membro da banca

1 – INTRODUÇÃO

“Nativos digitais”, “e-generation”, “Homo sapiens digitalis”, “Geração Net”, “iGen”, “Post-Millennials” são alguns sinônimos para a “Geração Z”. Esse grupo engloba os nascidos após 1995, quando houve o boom da internet em todo o planeta e tecnologias como celulares, tablets, wi-fi, jogos online e serviços virtuais de comunicação e socialização passaram a fazer parte do cotidiano de crianças e adolescentes.

Já é notório que a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) vem transformando substancialmente as relações sociais. Cada vez mais dependemos dos dispositivos eletrônicos para interagir com as pessoas e com o mundo. As tecnologias são extensões das capacidades humanas e assim como o homem transforma seu ambiente, o ambiente transforma o homem. As tecnologias digitais estão alterando o funcionamento do ser humano e criando uma relação de dependência (SANTAELLA, 2010). Nesse contexto, a escola precisou entender a necessidade de incluir as TICs em suas práticas pedagógicas, avaliando seus impactos e buscando os melhores caminhos.

Hoje, cerca de 80,6% das escolas públicas brasileiras já possuem laboratório de informática e isso evidencia a preocupação do governo com a inclusão digital (INEP, 2014). Mas, apesar do interesse dos alunos pelas tecnologias ser latente e do Estado ter a preocupação em promover a educação através da informática educativa, ainda existe muita dificuldade em incorporar as TICs à prática pedagógica (SANTAELLA, 2010).

O caminho que leva ao sucesso passa obrigatoriamente pela desmistificação da ideia das tecnologias da educação como algo que o professor escolhe ou não trabalhar. No meio desse furacão de informações e de novidades, é impossível deixar a tecnologia de lado no ambiente educacional.

Não raro, sabemos da resistência que alguns professores demonstram em relação à evolução do ensino trazida pela modernidade, mas os benefícios ou prejuízos só emergirão dependendo da forma como a tecnologia será utilizada. O docente tem em suas mãos a possibilidade de transformar uma tecnologia num bom recurso, aproveitando todas as suas potencialidades em prol da construção do conhecimento de seus alunos.

Mas, mesmo com todo esse bombardeio de informações, existem autores que pontuam alguns prejuízos em relação ao uso das TICs e sinalizam muita atenção ao uso dos laboratórios de informática (SETZER, 2014; CARR, 2011).

Aproveitando o estágio obrigatório feito para a graduação em Letras e os trabalhos que desenvolvi para diversas disciplinas deste curso de pós graduação em Mídias na Educação, procurei introduzir algumas ideias sobre as TICs nas turmas com as quais trabalhei. O objetivo era aliar teoria e prática, fazendo adaptações necessárias, de acordo com a demanda ou necessidade que se apresenta.

Utilizei para a pesquisa três turmas de 8º ano do Colégio Municipal Padre Anchieta, no bairro de Vista Alegre, município de Barra Mansa. O colégio era o maior em quantidade de alunos da rede municipal até 2016. No entanto, com o fechamento do EJA, o panorama mudou em 2017.

Houve nova mudança já no início deste ano letivo: a escola passou a adotar o horário integral, com oficinas diversas no contraturno, obrigando os alunos a ficarem na instituição de ensino das 7 às 17 horas. Hoje a escola possui 985 alunos, divididos em 30 turmas (fundamental I e II).

Durante todo o período de estágio, me programei para estar na escola dois dias na semana, as terças e quintas-feiras, à tarde. Acompanhei, observando e realizando atividades de coparticipação, três turmas de oitavo ano (803 – turma-base -, 801 e 802), sob a regência da mesma professora, Leila da Silva, que me recebeu muito bem e me auxiliou sempre que necessitei.

A relação com a docente e com os alunos foi excelente. Até mesmo a turma 802, tida como difícil, respeitou a presença “estranha” em sala, embora não tenha recebido bem o planejamento proposto, pois eles não são participativos. Essa concepção não é somente minha. Em Conselho de Classe, os professores – incluindo a regente de Língua Portuguesa - apontaram a turma 802 como a menos interessada, independente da disciplina. Com a turma base, a 803, não tive dificuldades em fazer atividades. Os alunos são muito empenhados e curiosos, questionam, não aceitam respostas que não os levem à resolução dos exercícios e gostam bastante de fazer atividades para fixar o conteúdo. Já a turma 801 também se mostrou muito receptiva, embora o rendimento seja menor que o da 803. O trabalho com esse grupo fluiu muito bem, os alunos gostaram das atividades e participaram ativamente de todas as propostas.

2 – RESULTADOS

Como utilizarei três atividades neste relatório, vou dividir os resultados nas etapas de pré-produção, produção e pós-produção, mostrando o que foi feito em cada uma delas.

2.1 – A PRÉ-PRODUÇÃO

Apresentar algumas sugestões de uso das tecnologias para os alunos foi extremamente importante para aumentar os conhecimentos sobre métodos que podem ser utilizados para gerar melhorias no ato de educar. O aprendizado é constante e durante essa experiência muitas foram as vias para que ele se concretizasse: com os estudantes, que questionavam métodos e estavam, muitas vezes, buscando maneiras de permanecer em atividade; com os professores que apresentavam, cada um da sua forma, as condições para melhor mediar o conhecimento dos alunos.

Através de conversas informais, senti nos alunos uma necessidade latente de outros métodos para que a disciplina de Língua Portuguesa não ficasse não monótona e que os ensinamentos acerca da matéria não fossem de difícil entendimento. As reuniões com a regente me mostraram uma carência no uso das TICs, pois a escola não facilita as estratégias diferenciadas. Para ter uma ideia, só há um aparelho de datashow no colégio. Por conta de todo esse panorama, resolvi alinhar o conteúdo dado pela regente com algumas ideias interessantes para os alunos envolvendo a utilização das TICs.

Não foi um trabalho fácil devido a diversos entraves: os alunos não podem usar celular em sala de aula, os professores não podem passar qualquer tipo de atividade para casa, a escola não autoriza imagens de qualquer tipo.

2.2. – PRODUÇÃO

Eu procurei usar com os alunos do 8º anos do Colégio Padre Anchieta os planos de aula que desenvolvi para diversas disciplinas do curso de Pós Graduação em Mídias na Educação. Citarei aqui três atividades que se destacaram e tiveram resultados muito positivos, tanto para mim, quanto para os estudantes.

Primeira atividade – Facebook – “Diz que é cria... mas...”, gerando reportagens sobre a localidade

A primeira atividade proposta foi utilizando o Facebook, bastante comum entre eles. Aproveitando a brincadeira sobre “ser cria de algum lugar”, que viralizou nas redes sociais no primeiro semestre de 2018, fazendo com que as pessoas recordassem de situações cotidianas e/ou atípicas da localidade, organizei um trabalho que pudesse promover a integração entre alunos, possibilitar o compartilhamento de informações sobre o lugar onde vivem, ampliar o conhecimento fora da sala de aula, resgatar a memória local e trabalhar produção textual.

Com base em informações obtidas com familiares, vizinhos e amigos, os alunos deveriam pontuar algumas situações vividas por moradores do bairro ao longo dos anos. Dessa forma eles criariam um “baú” de dados acerca do lugar em que vivem. Organizei, então, os estudantes em grupos de quatro componentes e pedi que cada grupo preparasse oito frases com o tema “Diz que é cria...mas...”, levando em conta o espaço do bairro em que a escola está inserida, já que todos residem na localidade.

No meu projeto original, as frases deveriam estar acompanhadas por imagens e seriam postadas no grupo do Facebook aberto pelo professor. Após as postagens, seria realizado um debate sobre o resultado do trabalho. Feita a avaliação, os alunos poderiam convidar seus contatos na rede social citada para entrarem no grupo e comentarem as postagens. No entanto, como já dito, não é permitido o uso do celular em sala de aula, bem como também não é permitido, de acordo com a nova gestão municipal, pedir que os alunos façam nenhum tipo de atividade em casa. Dessa forma, precisei adaptar a atividade e fazer todo o processo com eles em sala, hipoteticamente, como se eles fossem publicar na rede social. Então, resolvemos montar cartazes com o layout do Facebook para expor na sala, deixando, inclusive, espaços para comentários e utilização dos emojis.

Ao final do prazo estipulado, cada aluno produziu uma reportagem sobre o bairro e suas peculiaridades, individualmente, tendo como elementos para consulta os pontos que foram abordados nos posts hipotéticos.

Segunda atividade – QR Code – Pronomes Possessivos

A segunda atividade que desenvolvi utilizando as tecnologias foi um plano de intervenção baseado em gamificação. Escolhi o QRCode para realizar uma dinâmica sobre um assunto em que os alunos apresentavam muitas dúvidas: pronomes possessivos.

Com essa atividade, eu pretendi fazer com que os alunos pudessem treinar as aplicações dos pronomes possessivos, bem como identificar a sua colocação nas frases e perceber a sua função na construção do texto.

Como não é permitido que os alunos utilizem o celular na escola, nem para fins pedagógicos, somente o meu aparelho foi usado para realizar a atividade, que precisou de um aplicativo leitor de QR Code. Os QR Codes foram produzidos por mim, com o auxílio do gerador online <https://br.qr-code-generator.com>.

Levei 15 códigos impressos e distribuí pela sala. Separei a turma, através de sorteio, em seis grupos de cinco alunos cada e pedi que escolhessem, em conformidade, três números, de 1 a 15.

Cada grupo teve três minutos para fazer a leitura dos QR Codes correspondentes aos números que escolheram e completar as lacunas das frases com o pronome possessivo correspondente. Para contabilizar o ponto, o grupo deveria acertar a frase toda. Além disso, o grupo que terminasse a tarefa em menos tempo ganharia um ponto extra.

Com todos os pontos devidamente computados, o grupo vencedor ganhou uma caixa de chocolates BIS como incentivo pela boa atuação na atividade.

Os alunos ficaram muito empolgados ao serem apresentados a algo que ainda não conheciam e se mostraram bastante receptivos à atividade.

Terceira atividade – Curta Vida Maria – Debate e produção textual

Para a terceira atividade optei por oferecer aos alunos uma sessão de cinema com o curta “Vida Maria”, de Marcio Ramos. O filme é uma animação de 2007, em que uma menina de cinco anos de idade se diverte aprendendo a escrever o nome, mas é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.

O filme deu aos estudantes uma boa oportunidade de refletir sobre a oportunidade que têm de frequentar uma escola e de trilhar o caminho do conhecimento.

Após a exibição, fiz um debate direcionado, levantando alguns pontos importantes abordados na animação. A discussão em sala foi bastante proveitosa e, para fechar a atividade, pedi que produzissem um texto falando sobre as dificuldades apresentadas no filme, bem como soluções para que aquele ciclo fosse quebrado.

As narrativas produzidas me deixaram muito contente. Os alunos entenderam bem a proposta e utilizaram os elementos apresentados de forma bastante rica. A regente avaliou a produção textual e a incluiu no caderno de redação.

2.3. – PÓS-PRODUÇÃO

Desde que comecei a desenvolver as atividades envolvendo tecnologia com as turmas, os alunos têm sido mais receptivos. Fui, inclusive, abordada no corredor pelos alunos da turma 801, pedindo que eu desse as aulas para que não ficassem com tempo vago. O resultado foi muito bom e saí bastante satisfeita.

Percebi, na última semana de contato com os alunos, certa mudança no comportamento da turma 802. Os estudantes, inclusive, pediram explicações individualizadas, algo que não acontecia antes, pois, ao serem questionados se tinham alguma dúvida, sempre respondiam que não. Fiquei muito feliz em poder ajudá-los a entender um pouco sobre a matéria referente ao segundo bimestre e espero que o resultado das provas seja bem melhor do que o do primeiro (32% de aproveitamento na 801, 34% da 802 e 63% na 803).

Sobre a turma 801 o comentário é que, entre as três turmas, é a que consideramos mediana. Os alunos são mais receptivos e interessados que a 802 e possuem um grau de dificuldade menor. Quanto à 803, é a melhor turma entre as trabalhadas. Os estudantes são extremamente interessados e participativos. O trabalho com eles flui de forma bastante positiva.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi que, quando se trata de atividades interativas, com o corpo em movimento, a disposição dos alunos é muito maior. Durante as aulas monótonas, falta participação e sobra inércia. A escola ainda me parece um tanto atrasada no que tange aproveitar o potencial e a energia dos estudantes, principalmente no que se refere ao uso das tecnologias.

Estou cada vez mais certa de que ensinar pode ser divertido para todos. Podemos ter um ambiente suave e saudável, o que, naturalmente, favorecerá ao aprendizado. Precisamos continuamente prestar atenção aos nossos alunos e rever nossas práticas. Acredito que mudar o discurso desmotivador é o primeiro passo.

6 - REFERÊNCIAS

CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: Resumo técnico**. Brasília: O Instituto, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal. **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP—Departamento de Computação/FCET/PUC-SP**, vol. II, nº 1, 2010.

SETZER, Valdemar W. **Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos**, 2014. Disponível em . Acessado em 26 jan. 2016.